

Comunidade e Espaço na *Episteme* Comunicacional: A Noção Performática¹

João DAMASIO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Comunidade e espaço são dois conceitos clássicos que vem sendo retomados e apropriados a problemas comunicacionais como a tensão informacional-comunicacional e a tensão associativo-comunitária, constituintes da *episteme* deste campo de estudos. Esse artigo apresenta a leitura de autores contemporâneos que desenvolvem tais conceitos e aventa a articulação teórico-epistemológica entre comunidade e espaço, com o desemboque metodológico na noção de performance cultural, propiciada sempre no espaço comunitário.

Palavras-chave: comunidade; espaço; performance; episteme comunicacional.

1. A intuição do problema

O presente artigo é uma articulação teórica entre os conceitos de comunidade e de espaço no escopo de uma reflexão sobre a ciência da comunicação. Ao tratar o conceito de comunidade na pesquisa de mestrado em desenvolvimento, percebemos que o mesmo vem sendo redescrito conforme as transformações culturais contemporâneas, entendidas por Muniz Sodré como um novo *bios* (âmbito da vida), baseado no capital e na informação.

Há uma variedade notável de apropriações, também redescritivas, sobre o conceito de espaço, desde a elaboração matemática ao imaginário poético e à produção do espaço social. O espaço, assim como a comunidade, parece se referir ao mundo, àquilo que transcende e constitui o sujeito. Dado o interesse de autores contemporâneos sobre tais conceitos, empreendemos a busca deste artigo por um modo de trabalhar o espaço comunitário como objeto da comunicação.

A herança moderna sustenta e oblitera o objeto da comunicação. As importações interdisciplinares da sociologia, da filosofia e da psicologia, por um lado, e, por outro, a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação, na linha de pesquisa Mídia e Cultura, do PPGCOM-UFG, e-mail: joadamasio16@gmail.com

concepção de sujeito cartesiano fornecem não somente o modelo básico da comunicação³, como também a capacidade conceitual das pesquisas no campo. O movimento atual de “crítica interna de seus princípios, hipóteses e resultados” (SODRÉ, 2007, p. 16) direciona a *episteme* comunicacional a possibilidades preteridas pelo pensamento moderno.

Este texto, fruto das reflexões do autor a partir da disciplina de mestrado “Seminários Avançados de Mídia e Cultura – Espacialidade e Jogos”⁴, segue a intuição de dois conceitos antigos, do modo como foram retomados por autores contemporâneos. O primeiro, “espaço”, aqui selecionado de modo introdutório a partir de Lefebvre (1974) e Bollnow (2008), ajuda a entrever a tensão originária da comunicação⁵. O segundo, “comunidade”, aqui apropriado a partir da tese de doutoramento de Yamamoto (2014), aparece como demanda por um conceito atualizado para a era da midiatização. Ambos desafiam a capacidade conceitual moderna, com destaque para a alternativa à noção de cultura, menos afeita aos grandes sistemas europeus, “no que faz aparecerem as singularidades, num ato de delimitação e de atração, em resumo, no movimento do jogo” (SODRÉ, 1983 apud YAMAMOTO, 2014, p. 458).

A intuição proposta é a possibilidade de uma investigação produtiva a cerca das correlações entre os conceitos de “comunidade” e “espaço” no escopo da ciência da comunicação. Afinal, num contexto de revisão conceitual em que se inserem os autores aqui pesquisados, em que medida comunidade é espaço?

Para tratar o problema proposto, procedemos primeiramente ao que entendemos ser uma tematização comunicacional que permitirá uma determinada leitura sobre os conceitos em estudo, a saber, comunidade e espaço. Aludimos a dois tensionamentos (teóricos) frequentemente debatidos no âmbito da epistemologia da comunicação no Brasil: informacional-comunicacional em Christino (2012) e associativo-comunitário em Sodré (2007).

Em seguida, distinguimos dois tópicos conceituais para efetuar uma breve revisão dos conceitos de espaço e de comunidade. Como possível síntese, nos dedicamos brevemente à noção de performance como possibilidade metodológica para o tratamento

³ “O pressuposto essencial é o de que comunicar é transferir informação; seja entre dois polos mecânicos - dois computadores -, ou humanos. Há comunicação quando há codificação, transferência e decodificação” (CHRISTINO, 2012, p. 75).

⁴ Ministrada pelo professor Dr. Daniel Christino no PPGCOM-UFG em 2014/2.

⁵ “O objeto comunicacional parece ser capaz de existir, assim como o gato de Schrödinger, numa tensão entre dois campos científicos com princípios epistemológicos distintos e, por vezes, francamente conflitantes”, a saber, as ciências da natureza e do espírito (CHRISTINO, 2012, p. 72).

comunicacional do espaço comunitário. A performance é, como conceito ou anticonceito, ao mesmo tempo, representação e ação social, fruto do pensamento sobre as interações simbólicas – que entendemos serem propiciadas pelo espaço da comunidade.

2. Tematização comunicacional

Antes dos conceitos e dos desdobramentos pretendidos, é útil evidenciar a questão-problema, por meio de um recorte. Nas configurações teóricas do campo comunicacional, pouco mais para um lado ou para o outro, o próprio conceito de comunicação se torna vicário, secundário, teleológico ou mesmo esquecido ante os problemas incutidos por disciplinas afins. Tanto o conceito de comunidade quanto o de espaço são pautados como essenciais alternativas para problemas comunicacionais contemporâneos, como as mutações culturais do *bios* midiático⁶.

A partir de Sodré (2007), torna-se possível destacar pelo menos dois apontamentos/tensões intrincados à comunicação, aqui tornados categorias de breve análise antes os dois conceitos estudados (comunidade e espaço).

1. Tensão informacional-comunicacional. O autor (2012, p. 16) faz a crítica ao patamar informacional, “parasitário de uma disciplina clássica do pensamento social”. Para Christino (2012, p. 71), contudo, é a “configuração epistemológica originária que situa o debate na interseção entre os modelos de investigação das ciências humanas e das ciências da natureza”.
2. Tensão associativo-comunitária. Seria tarefa da comunicação problematizar “no interior das mutações culturais da sociedade contemporânea, as contingências da imbricação ou da tensão entre a relação societária e o vínculo comunitário” (SODRÉ, 2007, p. 25).

É a partir dessas duas visadas que se relacionará agora os conceitos de espaço e de comunidade no que lhes cabe ao escopo proposto neste pequeno ensaio. Não se exige que os conceitos estudados sejam adequados a tais categorias, que servem aqui apenas como artifício ou temas geradores para recortar e guiar a discussão no escopo do que Sodré (2007) denomina *episteme* comunicacional.

⁶ Quarto âmbito de vida (a partir dos três bios aristotélicos: conhecimento, prazer e política) caracterizado pelo “funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia” (SODRÉ, 2007, p. 17).

3. Conceito de Espaço

Entre informação e comunicação, a discussão convoca não apenas conceitos diversos, mas “modelos de investigação” com bases epistemológicas diferentes, um nas ciências da natureza e o outro nas ciências humanas, sendo que o privilégio nem sempre consciente foi dado, genealogicamente, ao modelo informacional envolvendo emissão, mediação e recepção. O mesmo, guardadas as proporções, Bollnow (2008) relaciona na história do problema do espaço, não somente preterido quanto à questão básica do tempo na filosofia, como também tomado pela concepção matemática. O autor reivindica que

Assim como ocorre com o tempo, em que é possível diferenciarmos aquele tempo abstrato, matemático e medido por relógios do tempo concreto, vivenciado pelo homem vivente, também é possível diferenciarmos entre o espaço abstrato dos matemáticos e físicos e o espaço humano, concretamente vivenciado (BOLLNOW, 2008, p. 14).

O espaço matemático, argumenta, pertence ao “sujeito do entendimento”, que se pressupõe fora do objeto, constituindo, portanto, apenas uma possibilidade (abstrata) do conceito. Tal percepção é compartilhada explicitamente por autores franceses do mesmo período, mas de perspectivas diferentes nas ciências humanas, estudados na disciplina de mestrado, Bachelard e Lefebvre. Segundo Bollnow (2008, p. 19), mesmo para Bachelard “as experiências do espaço vivenciado não lhe parecem conter conhecimento objetivo. Ele as aponta como algo meramente subjetivo, obra da força de imaginação poética”, o que é explicado pelo fato de o autor vir da “filosofia das ciências naturais e de um conceito de conhecimento nelas orientado”.

Lefebvre (1974), pela via marxista, explicita a mesma querela em sua problemática inicial, propondo mais, um conceito de produção do espaço social. “Comment passer des espaces mathématiques, c’est-à-dire des capacités mentales de l’espèce humaine, de la logique, à la nature, d’abord, à la pratique, ensuite, et à la théorie de la vie sociale qui se déroule ainsi dans l’espace?” (LEFEBVRE, 1974, p. 16).

Importa aqui que os três autores negam o espaço matemático e propõe perspectivas para superá-lo e conter a totalidade desse conceito. O argumento do espaço concreto é invocado ante a idealização ou abstração da filosofia e da matemática, como diferença fundamental na multiplicidade de conceituações sobre espaço.

Comment nommer la séparation qui maintient à distance les uns hors des autres, les divers espaces: le physique, le mental, le social? Distorsions? Décalage? Coupure? Cassure? Le nom importe peu. Ce qui compte, c'est la distance qui sépare l'espace "ideal", relevant des catégories mentales (logico-mathématiques) de l'espace "réel", celui de la pratique sociale. Alors que chacun implique, pose et suppose l'autre (LEFEBVRE, 1974, p. 24).

Partindo para a segunda tensão, mais típica do conceito de comunidade, é das bases de uma sociologia que se fala. No que tange ao conceito de espaço, trata-se da forma – associativa ou comunitária – com que o homem constitui seu espaço. O movimento de Lefebvre é claro e amplo. Além de negar o espaço como coisa mental (filosófico) ou matemático, advogando pela concretude, o autor busca no arcabouço marxista a noção de “produção” ou “produzir” para ir do concreto ao social, chegando ao ponto de seu interesse. “(...) il est possible d'indiquer que les concepts de la production et du produire présentent l'universalité concrète réclamée” (LEVEBVRE, 1974, p. 25).

la multiplicité indéfinie des descriptions et découpages les rend suspects. Ne vont-ils pas dans le sens d'une tendance très forte, dominante peut-être, au sein de la société existante (du mode de production)? Dans ce mode de production, le travail de la connaissance, comme le travail matériel, se divise sans fin. (LEFEBVRE, 1974, p. 20).

É interessante a primazia do comunicacional, entendido como linguagem e significação, no conceito de espaço concreto e social. Lefebvre (1974, p. 28) refere-se ao espaço social como sendo “de la communication, de la parole”. Para Bollnow (2008, p. 18-20) o espaço é “meio da vida humana”, “tampouco é para o homem um meio neutro e constante, mas é preenchido com significados nas relações vitais de atuações opostas”, na medida em que “o homem em sua vida é sempre e necessariamente determinado por sua atitude em relação a um espaço circundante”.

4. Conceito de comunidade

Se o conceito de espaço enfrenta a difícil tensão entre duas epistemologias (ciências da natureza e ciências do espírito), o conceito de comunidade enfrenta o outro problema comunicacional colocado na introdução deste texto: a sustentação e a obliteração proporcionadas pelo pensamento moderno.

Em termos da primeira tensão conforme este texto, pode-se considerar que o conceito de comunidade já se dá no âmbito das ciências humanas, tendo pouco o que ver com o modelo informacional da comunicação, se não como influência sobre teorias sociais sistêmicas ou nos estudos sobre as comunidades cibernéticas. Ainda assim, tais perspectivas aparecem como determinantes, mas não fundantes, pois a ontologia da comunidade precede-as (YAMAMOTO, 2014).

Yamamoto (2014) busca no filósofo italiano Roberto Esposito a distinção entre as formas substancialista e dessubstancialista de comunidade. A perspectiva substancialista já adentra a segunda tensão proposta neste texto. O fundamento da sociologia se deu em grande medida na visão entre as formas associativas e comunitárias, o que se vê apropriado principalmente a partir de Weber ultimamente. Comunidade, aqui, seria uma essência sendo substituída pela forma evoluída do associativismo, representando nada menos que o sentido de uma modernidade, que preocupara marcadamente os fundadores da sociologia. O problema, segundo Yamamoto (2014, p. 440), é a apropriação acrítica na contemporaneidade, marcada pela midiaticização, dessa mesma perspectiva do século XIX.

Diagnosticamos que o conceito de comunidade em voga na Comunicação, tomado irrefletidamente da Sociologia do século XIX (de Comte a Durkheim, passando por Le Play, Marx, Tönnies, Weber e outros), mantinha um forte caráter substancial que, invariavelmente, resultava em graves problemas à pesquisa.

Não cabe aqui pontuar tais problemas nem seus encaminhamentos, se não registrar que a ontologia trabalhada pelo autor aprofunda-se pela etimologia de “*communitas*”, palavra latina para designar comunidade. É a partir dela que Esposito extrai dois importantes radicais, *cum* e *munus*”, que levam às noções de “outro” e “dever”; neste sentido, comunidade é um tipo de relação em que ocorre a doação incondicional ao outro (YAMAMOTO, 2014, p. 442).

Yamamoto (2014) desenvolve a crítica e a ontologia do conceito de comunidade na midiaticização. Segundo o autor, comunidade (*Gemeinschaft*) é um conceito que deve ser atribuído, em sua acepção moderna, a Ferdinand Tönnies e serve para substituir a teoria social contratualista, tendo este conceito alcançado grande importância na fundação da teoria social do século XIX, além de outros campos do saber. É o sentido de modernização que estaria presente impondo a comunidade como algo perdido a partir de um

desencantamento do mundo na modernidade (conceito weberiano emergido desta base de pensamento).

Essa dicotomia foi acompanhada das inúmeras reflexões sobre as consequências da passagem da Idade Média para a Modernidade e as mudanças estruturais nos modos de organização social e psíquica (ansiedade, medo, insegurança) dela decorrente. É nesse contexto, por exemplo, que Max Weber irá conceber suas principais ideias, tais como a racionalização ou desencantamento do mundo (moderno), além da coexistência de diferentes formas (residuais) de capitalismo – e não apenas um, como queria Marx (YAMAMOTO, 2014, p. 40).

A sociologia, nestes termos, seria, desde o início, a tentativa autocompreensiva de conceber as relações sociais modernas em comparação com as pré-modernas. “O desenraizamento de um contingente populacional provocado pela industrialização e a urbanização acelerada deveria ser compensado com a institucionalização de formas sociais comunitárias” (YAMAMOTO, 2014, p. 40).

É revelador o fato do próprio Weber utilizar a *Gemeinschaft* como constructo para sua “teoria da ação social” (segundo o qual, os fatos sociais, objetos da sociologia weberiana, são interpretados a partir de seu significado, daquilo que os determina) apropriando de Tönnies o seu principal conceito: “Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o **resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes**” (WEBER, 1987, p. 77, grifo do autor). (YAMAMOTO, 2014, p. 41).

A discussão de Yamamoto (2014) promove bravo curso pelo existencialismo heideggeriano e suas relações com os franceses contemporâneos. Para a finalidade deste texto basta mencionar que, em linha geral, Heidegger refunde o problema do ser (substancializado em Aristóteles chegando à concepção do sujeito moderno) ao “com”, pois, existencialmente, o ser só o é em relação “com” o outro. Isso implica no conceito de comunidade na medida em que, “opostamente ao seu sentido convencional, objeto ou anteparo projetivo de subjetividade, a comunidade, em sua acepção originária, reivindica, agora, a posição de sujeito, instância expropriadora da subjetividade” (YAMAMOTO, 2014, p. 444).

5. Comunidade é espaço?

É neste ponto, aliás, que se entrevê com mais nitidez o problema aqui proposto, principalmente quando Bollnow (2008) e Yamamoto (2014) convergem em Heidegger. “A questão do espaço é, logo, uma questão sobre a constituição transcendental do homem. (...) o espaço não apenas está aí, independentemente do homem” (BOLLNOW, 2008, p. 21).

A comunidade, também, “ao se pretender como princípio originário de reunião ou vinculação dos entes humanos – algo como um *logos* inter-humano – deveria considerar tal dinâmica enquanto determinante de sua própria ontologia” (YAMAMOTO, 2014, p. 448).

Nestes termos, não seria absurdo tomar a comunidade, em sua amplitude ontológica, enquanto objeto comunicacional. Isso porque a investigação da abertura ou dessubjetivação (“experiência comunitária” conforme a temos denominado), tanto quanto dos processos de delimitação da substância comum, de fechamentos identitários, além da invenção de origens comunitárias, estariam todos sob o domínio do vínculo, podendo, portanto, ser realizados em âmbito comunicacional sem prejuízo epistemológico (YAMAMOTO, 2014, p. 452).

Vista como a tese de Yamamoto (2014) propõe, a comunidade se aproxima do conceito de espaço da vida humana em Bollnow (2008) e guarda referências comuns, em menor grau, com Lefebvre (1974), vide a questão da linguagem, lida em ambos não como precedente, mas como representacional do vínculo da comunidade, ou seja, que produz o espaço social.

6. A noção de performance do espaço comunitário

Entre a ação social e a estruturação, o que se coloca são as interações simbólicas, que constituem uma corrente de estudos de origem estadunidense, a Escola de Chicago, berço das principais referências de estudos emergentes sobre performances culturais, referências um pouco diferentes dos estudos culturais ingleses. Peirano (2006, p. 14) discute “se performance é um objeto de estudo, um tema, uma teoria ou uma antidisiplina”. Neste trabalho, ela é conceito, que vem em melhoramento ao conceito de representação, pois lhe acrescenta o significado da coisa em si.

As performances culturais vêm sendo estudadas de modo interdisciplinar, abordando principalmente as inferências entre teatro e antropologia, conforme se absorve de Turner (1985) e Schechner (2011).

Entre o teatro e a antropologia, Schechner (2011) identifica seis pontos de contato, mas o faz isso ainda de modo iniciante ou fundante. Seu texto interessa pela indicação dos caminhos de intersecção e, mais ainda, pela tese de que não somente há pontos de contato entre o teatro e antropologia, mas também que “há mais pontos de contato surgindo” (p. 213).

Pode-se apreender de Schechner (2011) que a relação teatro-antropologia é “frutífera” por prover “fertilidade conceitual”, expressões que denotam um desenvolvimento por vir. Ou seja, as relações entre os dois campos de práticas e saberes mencionados não são nítidas e dadas, apesar da certeza de sua existência.

Assim, a principal defesa de Schechner (2011), corroborada por Turner (1985), é a demonstração das lacunas e necessidades da antropologia que podem ser supridas pela visada teatral e vice-versa.

Por um lado, os antropólogos lidam “with texts, institutions, types, protocols, “wiring”, custom, and so on than with the how of performance (etc)” (TURNER, 1985, p. XII). A eles, sem desconsiderar as relações possíveis com outras disciplinas e práticas, falta essencialmente mais o que o teatro pode oferecer: o conhecimento da elaboração do ritual. Esta é, segundo Turner (1985), a contribuição aberta por Schechner do teatro à antropologia.

Schechner opened up for my study a new world of performative techniques. Anthropologists, by their training, are not qualified to investigate the training of actor in ritual, ritualized theatre, and more secular types of cultural performance – how they prepare for the public events, how they transmit performative knowledge, how they dress, mask, and apply cosmetics, their personal “shtick”, that it, attention-getting devices unique to each performer (TURNER, 1985, p. XII).

O alerta de Turner se direciona mais aos antropólogos, por isso lhes aponta com clareza as coisas para as quais não são treinados ou qualificados. O papel do ator no ritual – algo tão básico no teatro – poderia passar despercebido nas teorias da ação social que valorizam mais as instituições e seus textos para frias análises discursivas que o ator em movimento, em drama.

Tal como Turner ante os antropólogos, Schechner vem da prática teatral. Os pontos de contato que estabelece entre teatro e antropologia (SCHECHNER, 2011, p. 214-230) – identidade múltiplas dos performers, intensidade ou fluxo da ação, interações entre audiência e performer, sequência identificável da performance, transmissão do conhecimento performático e a avaliação das performances pela audiência – são tipicamente pontos retirados da terminologia teatral e poderiam ser tratados apenas neste campo sem maiores problemas.

Reitera-se, deste modo, que tais apontamentos de contato são indicativos de aberturas e/ou lacunas produtivas e não apenas algo dado. Se fosse algo já dado, não se trataria de propor uma interdisciplinaridade, mas uma fusão disciplinar.

Pode-se questionar se as contribuições entre os campos se resumem à ordem metodológica quando falamos de cada disciplina separada. A observação do antropólogo simplesmente passaria a considerar as categorias teatrais do ator em cena, em preparação, em seus níveis de intensidade, no processo ritualístico e na sua relação com o público ou tais procedimentos trazem inferências maiores à teoria antropológica? O trabalho das pessoas do teatro e seus textos passariam a ser contextualizados nos sistemas culturais descritos e interpretados pelos antropólogos ou também a prática teatral acresce-se com novo estado da arte?

Turner (1985) é taxativo nas limitações dos antropólogos – e que podem ser suturadas ao menos em parte pelos pontos de contato com o teatro – porque o faz no momento geral de revisão interna do campo. Com o estruturalismo instalado, Turner acredita que os novos elementos para desenrijecer o campo está na “estrutura” do teatro. Desse modo, podemos encontrar a resposta ao questionamento do parágrafo anterior no que se refere à antropologia: o teatro modifica o estado da arte da antropologia.

Dawsey (2011) retoma o significado de performance do francês *parfounir*, termo que induz o conceito ao modo de completar a experiência.

Em alguns de seus escritos, Victor Turner discute a noção de performance tendo em mente a sua derivação do francês antigo *parfounir*, ‘completar’ ou ‘realizar inteiramente’. A performance completa uma experiência. Porém, o que se entende por completar? Essencial à performance – e, aqui, recorreremos a Turner e Schechner – é a sua abertura (DAWSEY, 2011, p. 210).

Dilthey, autor importante para Turner (1985) elabora duas noções para o conceito de experiência: *Erlebnis*, ligada ao campo pessoal das sensações e vivências e; *Erfahrung*, ligada ao entendimento social. Geralmente, segundo o autor, os dois se articulam de modo que a *Erlebnis* é deslocada pela *Erfahrung*.

O que denomina-se representação e coisa em si, incluídos no conceito de performance, Susana Langer chamava de sentimento e forma na filosofia da arte. Da arte ao estudo interpretativo da cultura, vários autores se apropriaram da conceituação da autora, tendo destaque o desenvolvimento dado por Goffman em seu conceito de *apresentação*.

Para a ciência da comunicação não seria um absurdo o estudo da performance nestes termos – entre teatro e antropologia. Afinal, a antropológica do espelho não trataria dos mesmos termos? A virtualização ou metaforização do mundo não é sua teatralização? O comunicacional, contudo, é o processo das trocas simbólicas a partir das funções observáveis na performance cultural. Para além do processo comunicacional, a análise das funções seria sociologia, a descrição cultural seria antropologia e a crítica estética seria teatro.

O que se propõe com este tópico é apresentar o modo como, no entendimento da comunidade como abertura e de espaço como produto da sociedade, o estudo da performance cultural pode revelar a experiência comunitária capaz de produzir o espaço social. Ao alcançar tanto a representação como a apresentação, a performance serve metodologicamente para o estudo do espaço social como comunidade.

6. Consideração final

Comunidade e espaço, pela episteme comunicacional, podem convergir pelo menos no que se refere à saída que promovem pela via existencial ao campo da comunicação, tanto com relação à tensão originária informacional-comunicacional, quanto à tensão associativo-comunitária, de base moderna. O conteúdo deste texto não se pretende conclusivo e nem rigoroso o suficiente para responder à questão proposta, mas considera-se atual ante os conceitos trabalhados e com válida intuição enquanto projeto.

O conceito de espaço – cognitivo-subjetivo em Bollnow e social-materialista em Lefebvre – ajuda a problematizar a comunidade. Talvez, o conceito de comunidade seja mais específico para os estudos comunicacionais, pois não enfrenta tão abertamente uma visão dependente das ciências naturais e exatas, como ocorre com o espaço, mas até por

isso, a comunidade está mais limitada e pouco afeita ao problema da tensão originária da comunicação entre dois modelos científicos.

As questões mais promissoras para o desenvolvimento dessa problemática parecem se ligar ao lugar do sujeito comunicacional, questionamento que tem sido feito sistematicamente pelos estudos de identidade cultural, e à linguagem como forma de significação, por meio do trabalho da representação ou da performance.

Os tópicos deste texto são apenas uma abordagem primeira do problema, sugerindo a busca de mais fontes originárias, que não apenas as contemporâneas, apesar de serem estas as motivadoras do trabalho.

Referências bibliográficas

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Trad. Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CHRISTINO, Daniel. Epistemologia e comunicação: debatendo o objeto comunicacional. **Logos 37**: A cientificidade da comunicação: epistemologias, teorias e políticas. Vol. 19, n.2, 2012.

DAWSEY, John Cowart. Schechner, teatro e antropologia. IN: **Cadernos de campo**, n. 20, 2011, p. 207-211.

LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. In: **L'homme et la société**. n. 31-32, 1974. Sociologie de La connaissance marxisme et anthropologie, p. 15-32.

PEIRANO, Mariza. Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e performance. IN: **Campos 7** (2): 2006, p. 9-16.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral. IN: **Cadernos de campo**, n 20, 2006, p. 213-236.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 01, v. 1, n. 1, p. 15-26, out. 2007.

TURNER, Victor. Foreword. IN: *Between theatre and anthropology*. Philadelphia: UPP, 1985, p. XI a XII.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O conceito de comunidade na comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 438-458, maio-ago 2014.